

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a solid blue rectangular background.

O riso como arma e libertação [Laughter as a weapon and release]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-23 10:48:04
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/159947

não resiste muito à seriedade. Quanto Ayrton Senna morreu, em menos de 24 horas já circulavam anedotas.

Por outro lado, o humor, por mais agressivo que seja, incentiva a sociabilidade, sublima a agressão, administra o cinismo e, em alguns casos, estiliza a violência, dissolvendo-a no riso. “Fiquem tranquilos: nenhum humorista atira para matar”, diz Millôr Fernandes⁶.

Um efeito libertador

Mas o riso também é a arma social dos impotentes. No decorrer da história, o próprio riso popular permitiu que se criasse, cada vez mais, uma cultura da divergência, ativa e oculta, mostrando como o humor se tornou uma arma política importante contra os regimes repressivos. Se não se pode mudar a história real, muda o sentido dela. O riso, a piada é essencialmente alteração de sentido, reversão de significado.

No caso brasileiro, humor e riso compensam também a falta de identidade. Uma sociedade mal costurada, que sempre praticou a exclusão. Brasileiros só se sentem brasileiros em momentos emocionais, rápidos e circunstanciais - quando toca o Hino Nacional, tem jogo da Seleção. O humor funciona como o Carnaval e o futebol para o brasileiro ter este momento de identidade.

Para os indivíduos, a disposição de rir das tolices da humanidade sempre foi considerada pela medicina como um meio de preservar a saúde (aliviar o excesso de bilis ou de adrenalina que, em excesso, produz a melancolia e as doenças). Talvez isto funcione para a sociedade brasileira também. É o rir para não chorar. Porque as pessoas que riem das piadas guardam resíduos de emoções que lhes vão permitir rir das maldades, dos preconceitos e das falcatruas reais. Quando as pessoas não riem é pior, pois os ressentimentos são recalçados, o que talvez explique porque o humor, sob quaisquer de suas formas - pela graça ou pela inteligência -, tenha um efeito libertador.

⁶ Millôr Fernandes: desenhista, humorista, dramaturgo, escritor e tradutor brasileiro. Em 1968 começa a trabalhar na revista *Veja*, e em 1969 torna-se um dos fundadores do jornal *O Pasquim*. (Nota da IHU On-Line)

O riso como arma e libertação

Rir de si mesmo tem um efeito libertador, além do fato de que o riso faz com que o homem mostre seus dentes, movimento físico que expressaria agressividade, observa Henrique Rodrigues. Millôr Fernandes, muito antes dos blogs e Twitter, já exercia uma escrita direta, cujo tema central é o humor

POR MÁRCIA JUNGES

Muito antes do advento dos blogs e do Twitter, Millôr Fernandes já praticava uma escrita concisa e direta. Falou, inclusive, que o humorista “não atira para matar”. Ao assumir isso, Millôr “tem consciência de que o humor em si não resolve os problemas da sociedade, mas ajuda muito a descortinar os absurdos que tentam se esconder sob certa seriedade da vida brasileira”. A constatação é de Henrique Rodrigues, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo o pesquisador, “rir de si mesmo é um tipo de libertação”. E completa: “Rindo, o homem mostra os dentes, e há pesquisas que associam esse movimento físico do rosto ao instinto de agressividade. O riso, portanto, é uma arma”. Mas é preciso haver limites, pondera Henrique: “O humor é social, sempre. E como toda situação social, existem limites morais e éticos”. Além disso, com a internet, hoje qualquer pessoa pode se expressar humoristicamente através de um sítio, podendo ser uma espécie de bobo da corte. “Aliás, é interessante ver como a própria corte muitas vezes teme o bobo.”

Henrique Rodrigues é formado em Letras pela UERJ, com especialização em Jornalismo Cultural pela mesma instituição. É mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, com dissertação sobre o humor político na obra de Millôr Fernandes. Atualmente é doutorando, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em Literatura. É autor da dissertação *Millôr Fernandes: a vitória do humor diante do estabelecido*. Trabalhou como assessor técnico em literatura do Sesc Nacional, coordenando projetos de incentivo à leitura, e como superintendente pedagógico da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. Atualmente trabalha com curadoria de programação na Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio. É autor de sete livros de literatura, entre infantis, juvenis e contos, e participou de várias antologias. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Aristóteles afirmou que “o homem é o único animal que ri”. Millôr Fernandes completou a sentença ao dizer que “é rindo que ele mostra o animal que é”. O que está por trás do mecanismo do riso que nos torna paradoxalmente diferentes e iguais aos animais?

Henrique Rodrigues - Essa famosa afirmativa de Aristóteles está no livro *Par-*

tes dos animais, uma obra de biologia, e não sobre estética, poética, retórica ou política. Na verdade, essa interpretação da frase segundo a qual “o riso faz parte da essência humana” pode ser um pouco exagerada. Acredito que Aristóteles tivesse até uma opinião semelhante à de Platão¹, para quem era

¹ Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até

impossível pensar que os deuses pudessem rir, e provavelmente deixaria os comediantes do lado de fora da República, ao lado dos poetas líricos. Na *Poética*, por exemplo, Aristóteles afirmou que a tragédia revelava os homens melhores do que são, enquanto a comédia os mostrava piores. A frase do Millôr teria mais esse sentido de assumir a essência humana e crua, animalésca, contida na atitude de rir. Rindo, o homem mostra os dentes, e há pesquisas que associam esse movimento físico do rosto ao instinto de agressividade. O riso, portanto, é uma arma. Mas o próprio Millôr diz que humorista não atira para matar. Voltando a Aristóteles, ele assume que a comédia mereceria um estudo à parte. Porém a existência dessa obra ainda é hipotética. Umberto Eco, em *O nome da rosa*, supõe que o livro era temido pelos clérigos medievais, devido ao poder libertador do riso, e por isso o mantinham (o livro e o riso) confinado.

IHU On-Line - Pensando na obra de Millôr Fernandes, de que forma o humor se constitui numa expressão literária? Além disso, como sua obra ajudou e ajuda a questionar verdades estabelecidas?

Henrique Rodrigues - A obra do Millôr cobriu a maior parte do século XX e está aí nesse início de século XXI. É preciso observar que ela sempre foi muito avançada em vários aspectos. Ele utilizou recursos de poesia concreta bem antes dos concretistas, foi um dos primeiros a usar computadores como ferramentas de criação. Aliás, há décadas pratica uma escrita concisa e direta bem típica de blogs e Twitter, cujos formatos são alardeados como “novos suportes”. Millôr é escritor, dramaturgo, artista plástico, roteirista, caricaturista e tantas outras coisas, exercendo todas não só com brilhantismo e originalidade, mas

“Henri Bergson, no seu clássico ensaio *O riso*, disse que numa sociedade composta só por inteligências todos estariam rindo”

também uma imparcialidade rara. Essa irreverência (com o sentido mesmo de não se curvar) permite que ele passe pelas mais importantes publicações com a mesma postura, utilizando o humor como uma ferramenta de questionamento social. Ao assumir que não atira para matar, ele tem consciência de que o humor em si não resolve os problemas da sociedade, mas ajuda muito a descortinar os absurdos que tentam se esconder sob certa seriedade da vida brasileira.

IHU On-Line - Millôr foi um dos fundadores de *O Pasquim* e colaborador da *Revista BUNDAS*. O que esse tipo de humor mostra sobre a relação entre transgressão humorística e política?

Henrique Rodrigues - Como Millôr sempre publicou em jornais e revistas, a rotina política brasileira se tornou um assunto predominante. *O Pasquim* foi um dos pontos altos da história do humor brasileiro, e também para a imprensa como um todo, pois eles deram graça e liberdade às redações, às entrevistas, e especialmente ao modo como driblar as dificuldades (no caso, a censura era a maior delas). O Millôr, felizmente, sempre pegou no pé dos políticos. Lembro-me do caso do Figueiredo² e sua fixação por cavalos (“Enfim, um presidente *Horse-Concours*”);³ Sarney⁴ e sua pretensão

literária (“Assim que saiu da posse na Academia, Sir Ney se reuniu, feliz, com um grupo de militares: está convencido de que fardão é o aumentativo de farda”); Collor⁵ e a figura do atleta (“Não só tem aquilo roxo como é pau pra toda obra e está sempre com o Cooper feito”); a suposta soberba intelectual de Fernando Henrique⁶ (“O único intelectual que se acha mais inteligente do que ele próprio”) e por aí vai. Cada escândalo político tem sido devidamente acompanhado e comentado, e o humor, por ser um texto prazeroso e trazer uma nova perspectiva sobre um mesmo fato, consegue muitas vezes chamar mais a atenção do que a notícia convencionalmente publicada. A subversão é, no caso, tão importante quanto a versão.

IHU On-Line - Particularmente no Brasil, há uma forte contestação e crítica à política via humor. Qual seu ponto de vista sobre a forma como o humor vem lidando com essa questão hoje?

Henrique Rodrigues - Há uns anos, um deputado apresentou um projeto de lei para punir quem abusasse de estrangeirismos, principalmente nos meios de comunicação. Haveria uma multa, de cerca de 30 mil reais, por exemplo, para uma placa com um termo em inglês. O Millôr publicou um texto em que dizia “Que idiotice!” Isso rendeu bastante. O deputado processou o Millôr por “comprometimento da honorabilidade”. O projeto não colou, claro. Mas isso demonstra como o humor está atento às tentativas de cerceamento da liberdade. Mas em relação ao humor hoje, vejo que a internet tem

⁵ Fernando Affonso Collor de Mello (1949): político, jornalista, economista, empresário e escritor brasileiro, tendo sido o 32º Presidente do Brasil, de 1990 a 1992, prefeito de Maceió de 1979 a 1982, Deputado federal de 1982 a 1986, Governador de Alagoas de 1987 a 1989, e Senador por Alagoas de 2007 até a atualidade. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Fernando Henrique Cardoso (1931): conhecido popularmente como FHC, é um sociólogo, cientista político e político brasileiro. Professor Emérito da Universidade de São Paulo, lecionou também no exterior, notadamente na Universidade de Paris. Foi funcionário da CEPAL, membro do CEBRAP, Senador da República (1983 a 1992), Ministro das Relações Exteriores (1992), Ministro da Fazenda (1993 e 1994) e presidente do Brasil por duas vezes (1995 a 2002). (Nota da IHU On-Line)

hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. Sobre Platão, confira e entrevista “As implicações éticas da cosmologia de Platão”, concedida pelo filósofo Prof. Dr. Marcelo Perine à edição 194 da revista IHU On-Line, de 04-09-2006, disponível em <http://migre.me/uNq3>. Leia, também, a edição 294 da Revista IHU On-Line, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://migre.me/uNqj>. (Nota da IHU On-Line)

² João Batista de Oliveira Figueiredo (1918-1999): ditador militar e político brasileiro, o 30º presidente do Brasil, de 1979 a 1985. (Nota da IHU On-Line)

³ FERNANDES, Millôr. *Millôr definitivo: a Bíblia do caos*, p. 231. (Nota do entrevistado)

⁴ José Ribamar Sarney de Araújo Costa (1930): político e escritor brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras, tendo sido o 31º Presidente do Brasil, de 1985 a 1990, Governador do estado do Maranhão de 1966 a 1971, e Presidente do Senado Federal de 1995 a 1997, 2003 a 2005, de 2009 a 2011 e de 2011 até a atualidade. (Nota da IHU On-Line)

sido um dos veículos mais importantes, e as possibilidades aumentam junto com os formatos. No entanto, os próprios conteúdos, assim como os suportes, surgem e desaparecem muito rapidamente. Em termos gerais, o humor deixou de ser político como era na época da ditadura, e se tornou mais comportamental. E como o comportamento se dissipa e/ou se move cada vez mais rapidamente de um assunto para outro, o humor acompanha e, muitas vezes, se torna mais banal. Por consequência, torna-se menos sardônico e contestador.

IHU On-Line - Identificar-se com situações cômicas é um dos fatores que aproxima o público com o humorismo. Por que as pessoas procuram essa caricatura de si próprias na alteridade, nesse outro que é tão igual e diferente de si mesmas?

Henrique Rodrigues - Rir de si mesmo é um tipo de libertação. Henri Bergson⁷, no seu clássico ensaio *O riso*, disse que numa sociedade composta só por inteligências todos estariam rindo. As pessoas se identificam com situações cômicas porque se veem nelas, mas ao mesmo tempo sabendo que não estão passando por aquela situação. As *sitcoms* (comédias de situação) mais cultuadas, como *Seinfeld*, mostram o politicamente incorreto em que todos nós nos metemos várias vezes nas situações sociais, e também por isso atraem tanto. Mas há nesse processo um certo distanciamento, pois o exagero, a caricatura impedem uma identificação total. Segundo alguns estudiosos, essa lacuna seria justamente a grandeza do humor. Uma coisa é ser o outro, outra é fingir ser o outro. No caso do humor, esse fingimento está sempre evidente, como se na relação de alteridade existisse

“Como existe essa indústria do riso, e inclusive qualquer pessoa pode abrir um sítio e se expressar humoristicamente, todos nós podemos ser o bobo da corte. Aliás, é interessante ver como a própria corte muitas vezes teme o bobo”

um alerta: “Ok, estou exagerando, mas você é assim e age assim”.

IHU On-Line - Na Antiguidade existia a figura dos bobos da corte, cuja função era fazer o rei rir. Qual é a grande mudança do humor daqueles tempos para os nossos dias?

Henrique Rodrigues - Essa figura do bobo da corte, ou jester, era um personagem bastante paradoxal que criticava os poderosos diretamente, sem que os mesmos se sentissem atingidos. Caso aceitassem a jocosidade e respondessem seriamente, estariam se denunciando, aceitando como verdadeiras as acusações feitas pelo bobo, *a priori*, sem intenção de um ataque concreto. Isso porque o bobo da corte não era considerado um membro da sociedade, mas alguém de fora, com uma crítica anárquica e sem valor destrutivo. Antes, sua crítica apontava para o que destoava das convenções sociais - das quais ele não participava. No fundo, ele acabava por ser um elemento mantenedor do controle social disfarçado de entretenimento. Hoje, talvez o humor seja um grande entretenimento em si, respondendo até por categorias industriais, como nas comédias do cinema, do teatro, das *sitcoms*, que finalmente estão emplacando na TV brasileira, dos sítios de humor, alguns largamente

acessados diariamente. Como existe essa indústria do riso, e inclusive qualquer pessoa pode abrir um sítio e se expressar humoristicamente, todos nós podemos ser o bobo da corte. Aliás, é interessante ver como a própria corte muitas vezes teme o bobo. Recentemente, a assessoria da presidenta Dilma divulgou que ela se divertiu ao assistir um vídeo de uma imitação que circula pela internet. Se tiveram o trabalho de informar que ela achou graça e não teve medo da paródia, fica parecendo que foi mais uma intenção de mostrar que Dilma é exceção, o que confirma a regra.

IHU On-Line - Existe humor de mau gosto e humor de bom gosto? O que os diferencia?

Henrique Rodrigues - Claro que sim. O humor é social, sempre. E como toda situação social, existem limites morais e éticos. Lembro-me de uma situação: em 2001, eu estava nos EUA e, logo após os atentados às Torres Gêmeas, os humoristas do *Saturday Night Live*, o programa de humor mais famoso de lá, tiveram um cuidado muito grande ao apresentar o primeiro programa após a tragédia. O Bush estava no ar e logo no início os apresentadores perguntaram: “Podemos fazer humor, presidente?”. Isso demonstra a preocupação em não sair da medida e abordar temas de forma irresponsável. De todo modo, o contexto é que determina essa medida. Mesmo porque os atentados de 11 de setembro se tornaram um assunto largamente utilizado no humor nos anos seguintes.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Henrique Rodrigues - Não. Ou melhor: sim. É preciso rir. Diz-se que rir é o melhor remédio, ao mesmo tempo em que é uma demonstração de infantilidade (muito riso, pouco siso). Esses paradoxos fazem do assunto algo muito interessante de se pesquisar, escrever ou até mesmo em conversas informais. Creio que o senso de humor é uma grande manifestação de humildade e virtude.

⁷ Henri Bergson (1859-1941): filósofo e escritor francês. Conhecido principalmente por *Matière et mémoire* e *L'Évolution créatrice*, sua obra é de grande atualidade e tem sido estudada em diferentes disciplinas, como cinema, literatura, neuropsicologia. Sobre esse autor, confira a edição 237 da *IHU On-Line*, de 24-09-2007, A evolução criadora, de Henri Bergson. Sua atualidade cem anos depois, disponível para download em <http://migre.me/Jzy0>. (Nota da IHU On-Line)